

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A DEMISSÃO DE SALAZAR É UMA NECESSIDADE NACIONAL

Nova Comissão Executiva, à qual são chamados nomes cada vez menos conhecidos e com menos projecção mesmo sob o ponto de vista salazarista, tomou conta dos comandos da chamada «União Nacional».

Salazar botou fala e, depois de em 30 de Junho se ter comparado a Jesus, aparece agora como o Deus que desce até aos homens a apontar-lhes os seus erros e a lembrar-lhes de novo a «verdade», a verdade salazarista, congeminação cada vez mais longe, se é possível, dos interesses do povo e da Pátria.

SALAZAR ESTÁ DESMASCARADO

O velho mito de que Salazar era uma pessoa de bem, não responsável pelos males do regime, mas sim os seus colaboradores, velho mito tão arduamente sustentado pela propaganda fascista, desvanceu-se.

Talvez por isso, e porque a situação na verdade mudou, Salazar já

não se esconde atrás de frases ambíguas. Hoje é obrigado a colocar claramente algumas das suas reais preocupações.

SALAZAR RECONHECE O SEU ISOLAMENTO

«Não... são risinhos os tempos ou leves os encargos que vão cair sobre os seus ombros... pelo menos até que possamos despertar os adormecidos, inclinar os tibios, reacender por toda a parte a fé.»

«(Por toda a parte, repare-se) indica Salazar aos seus apauiguados, para confessar logo a seguir, referindo-se à sua «frente nacional»: «... da qual se retiraram até alguns dos que sempre estiveram connosco».

E ao queixar-se amargamente das «incompreensões» da juventude ante o seu regime, é Salazar obrigado a reconhecer que «alguma coisa não está certa na nossa obra de educação».

A REPRESSÃO, ARMA POLÍTICA DE SALAZAR

A nenhum português, consciente dos problemas nacionais da actualidade, escapa o significado profundo da nova vaga de repressão desencadeada contra o povo pelo governo salazarista. O povo português, decidido a conquistar uma vida pacífica e livre, sofre actualmente a agonia dum regime anti-popular dirigido por um político louco, despido de toda a noção das realidades do seu tempo, dominado pelo desespero e pelo ódio — Salazar.

Salazar sofreu no ano que acaba de passar derrotas irreparáveis, derrotas que alteraram radicalmente o panorama político nacional. As grandiosas lutas do nosso povo no decurso deste ano puseram

a nu toda a podridão do regime salazarista, mostraram com cruza os erros crassos da política de Salazar e evidenciaram a vontade da nação de se desenvenhar desse político falhado que a infelicitou e a quer arrastar aos horrores da guerra civil. Incapaz de resolver os problemas criados ao país pela sua política anti-nacional Salazar não encontra, para sobreviver à crise em que se debate o seu regime, outro recurso senão o da repressão e da violência mais brutais.

Durante e depois da campanha eleitoral o povo foi metralhado nas ruas; pacíficos patriotas foram friamente assassinados nos antros da PIDE, e as prisões encheram-se de honestos cidadãos cujo «horrendo crime» foi terem manifestado as suas simpatias pelo General Humberto Delgado.

Um verdadeiro delírio repressivo apossou-se de Salazar.

As torturas mais brutais são postas em prática para arrancar «confissões» e denúncias aos presos. Os espancamentos «científicos», as longas «estadias» de 7 e 9 dias, como foi feito ao patriota Joaquim Carreira, a tortura da água e a dos jorros de luz sobre os olhos, como foram aplicadas a Rogério de Carvalho, a privação do sono durante dias e dias, os longos isolamento sem mantas nem camas nas húmidas casamatas do Forte de

(continua na 2.ª pag.)

SALAZAR AMEAÇA OS CATÓLICOS

Mas, apesar destas confissões, do isolamento reconhecido, Salazar mantém a sua política e continua a defini-la, paradoxalmente, contra tudo e contra todos, como «o denominador comum do interesse nacional».

Apela para os seus sequeiros para a necessidade de «um pouco de espírito combativo, necessário para certas ocasiões...» dirige em especial aos católicos que se têm afastado do seu seio, áspers ameaças repassadas de ódio.

SALAZAR NÃO QUER LARGAR O PODER

Afirmávamos e explicávamos no nosso último número que «Salazar é o único obstáculo à concordia nacional».

Na verdade, conhecedor da vontade do povo, das aspirações da juventude, nascida toda já no seu reinado, das posições tomadas por correntes que sempre o tinham apoiado, todos unânimes em desejar um novo rumo para a Nação, Salazar agarra-se ao poder e, assente na política de terror levada a cabo pela PIDE, quer impedir, pela força, a realização da maior

(continua na 2.ª pag.)

LUTEMOS TODOS

POR UM AUMENTO DE SALÁRIOS

O aumento do funcionalismo, há anos reivindicado e agora conquistado, é fruto da luta intensa travada pelo nosso povo no último período eleitoral. Depois dele. Se não houvesse tal luta, se não fossem os aspectos finos e largos que tomou, se, mesmo depois das «eleições», não fosse posto a nu o profundo descontentamento existente no país, através de formas de luta superiores (greves, manifestações, etc.) não haveria tal aumento.

Mas o descontentamento com a actual situação económica e política do país não desapareceu. Por todo o lado não desapareceu. Por todo o lado não desapareceu. Por todo o lado não desapareceu. Por todo o lado não desapareceu. Por todo o lado não desapareceu.

Esses descontentamentos gerais e as dificuldades graves porque o regime está actualmente passando influenciarão decisivamente no quantitativo do aumento. Com este aumento Salazar pretende conter os protestos que sobem de todos os lados e sectores, do próprio funcionalismo, quer civil, quer militar.

Mas vem o actual aumento solucionar a questão número um dos funcionários civis ou militares, isto é, o seu baixo, extremamente baixo nível de vida?

Evidentemente que não e são os próprios salazaristas que o têm de

reconhecer quando afirmam que «não se trata de um aumento de vencimentos mas apenas de um reajustamento de modo a agrupar e escalonar vencimentos de maneira mais justa».

E é o «Diário de Lisboa» (18-12) que afirma que «... certas categorias de funcionários ficam ainda em situação de excessiva modestia».

E dizemos nós que essas categorias agrupam a grande maioria do funcionalismo, quer civil quer militar. A um salário mínimo vital de 800\$00 a 1000\$00 para os trabalhadores assalariados corresponde um vencimento mínimo vital que não pode ser inferior a 2.000\$00 e são muitas as categorias e multíssimos os funcionários cuja remuneração fica aquém desse mínimo.

Por outro lado as percentagens de aumento prejudicam algumas das categorias de remuneração mais baixa pois são menores que as aplicadas a categorias mais bem remuneradas e verifica-se que, em aumento absoluto, as categorias que recebiam mais de 3.000\$00 tiveram aumentos de 900\$00 e 1.000\$00 enquanto que as que recebiam menos de 1.400\$00 só tiveram 300\$00 e 350\$00 de aumento, sem falar já nas regentes escolares e nas massas dos assalariados do Estado cuja situação permanece no nível da miséria.

(continua na 2.ª pag.)

O PLENO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA CHINA

Contra a acção dos reaccionários chineses e dos imperialistas americanos, o povo chinês escreveu um grande acontecimento na história da humanidade com a sua vitória em 1949.

São passados 9 anos somente, mas o desenvolvimento da China Popular tem sido extraordinário. Há qualquer coisa de impressionante e de novo no entusiasmo com que o povo chinês tem caminhado para o socialismo.

Nos fins de 1956 estava, no fundamental, terminada a revolução socialista na frente económica.

O ano de 1958 foi um ano de grandes vitórias no desenvolvimento da China. Em Junho começou a formação das comunas populares e em 1 de Outubro já 90,4% dos lares camponeses se juntavam nessas comunas.

O nosso povo, como os povos de todo o mundo, acompanha com o maior interesse os enormes progressos realizados pelo povo chinês no desenvolvimento da sua pátria socialista, sabendo que de tais progressos beneficiam toda a humanidade e a paz mundial.

Sob a presidência do camarada Mao Tsé Tung realizou-se, de 28 de Novembro a 10 de Dezembro, o VI Pleno do Comité Central do Partido Comunista da China que se revestiu da maior importância. Publicamos a seguir um resumo de algumas das resoluções do Pleno.

* * *

De 28 de Novembro a 10 de Dezembro celebraram as suas sessões o VI Pleno do Comité Central do Partido Comunista da China, sob a presidência de Mao Tsé Tung.

No pleno foi aprovada uma resolução sobre algumas questões referentes às comunas populares, sendo altamente apreciada o movimento pela formação dessas comunas no campo chinês.

O VI Pleno apreciou também as experiências do desenvolvimento da economia nacional da República Popular da China, traçando ao mesmo tempo a orientação para o seu desenvolvimento durante o próximo ano.

O Pleno destacou que se conseguiu este ano uma vitória sem precedentes no fomento da economia nacional do país. A fundição do aço aumentou de 5 milhões e 350 mil toneladas em 1957, para 11 milhões de toneladas neste ano. A extracção de carvão subiu para mais do dobro em comparação com 1957, tendo-se alcançado a cifra de 270 milhões de toneladas. A produção de maquinaria para trabalhar os metais aumentou de 28 mil máquinas em 1957, para cerca de 90 mil este ano. Num ano foram construídas cerca de 188 grandes empresas industriais. Quer isto dizer que em cada dois dias, aproximadamente, começava a funcionar uma nova importante empresa, fábrica ou central eléctrica.

(continua na 4.ª pag.)

POR UM AUMENTO DE SALÁRIOS

(continuação da 1.ª pág.)
Mas a leitura do decreto agora aprovado fornece outros dados de interesse. Nele se encontra o reconhecimento de que, pelos próprios números usados pelos salaristas, o funcionalismo estava vivendo (há muitos anos já) economicamente pior que em 1936. Isto temo-lo dito sempre, nós e toda a oposição, enquanto os salaristas, que têm enriquecido à custa da exploração que exercem sobre o povo, apregoavam o progresso do nível de vida, os benefícios do regime, etc., caluniando e perseguindo os que afirmavam exactamente aquilo que hoje eles têm de reconhecer.

Também sempre temos dito que é possível um aumento, não só do funcionalismo como de todos os trabalhadores sem que isso provoque a elevação dos preços. E eram os salaristas e Salazar à cabeça que afirmavam a impossibilidade do aumento, porque se entraria no «circulo infernal» do aumento dos preços. Agora é o decreto que diz: «*não pode esperar-se que a elevação das remunerações do funcionalismo conduza a um acréscimo do nível dos preços*».

Igualmente, dum aumento geral de salários não resultaria necessariamente uma elevação dos preços se estivesse no poder um governo que tomasse a defesa dos interesses do povo. Mas o governo de Salazar é o defensor dos monopólios e por isso nenhuma garantia existe de que os preços não subirão. O que se prepara já em relação ao azeite e ao bacalhão é uma amostra do que acontecerá em relação a outros produtos de largo consumo.

Assim, o único responsável da elevação dos preços é o governo de Salazar, governo de monopolistas e exploradores que quererão devorar para si o aumento agora decretado.

Por isso importa não só lutar por um mínimo vital mas também por uma escala móvel que permita os salários e vencimentos acompanharem a elevação dos preços.

QUE SUBAM IGUALMENTE OS SALÁRIOS, JORNAS E ORDENADOS

O aumento do funcionalismo põe instantaneamente na ordem do dia a necessidade do aumento geral, imediato, dos salários, jornas e ordenados. Se tal não for feito, a situação dos operários industriais e agrícolas e dos empregados agravar-se-á mais ainda.

Esta necessidade é hoje reconhecida pelos sectores mais diversos da sociedade portuguesa.

Diz o «Diário de Lisboa» (18-XII) que a melhoria agora promulgada pelo governo suscita «*problemas similares de actualização para todos os sectores privados do trabalho português*». Desejam vendedores, Sapeiras da Costa (sessão da Câmara

Municipal de Lisboa de 18-XII) que «*essa melhoria seja estendida aos empregados camarários e que as entidades patronais sigam tal exemplo*».

E afirmam todos os trabalhadores que a sua situação não pode permanecer como está, que é necessário um imediato aumento geral de salários.

Só a luta organizada e firme dos operários industriais e agrícolas e dos empregados forçará o governo e o grande patronato a aumentar as suas remunerações. Esse é o justo caminho que estão trilhando diversos sectores das classes trabalhadoras.

Sabemos que no distrito de Setúbal os trabalhadores estão assinando uma exposição em que pedem trabalho assegurado e 30% de aumento. Sabemos que dirigentes sindicais metalúrgicos do Norte procuram conseguir um aumento geral de 50 a 60%. Sabemos que em muitas empresas os operários se estão unindo para lutar por um aumento de salários.

E, na verdade, só unindo-se e organizando-se podem os trabalhadores acabar com o congelamento de salários preconizado e defendido por Salazar e pelo seu ministro das Corporações.

Só realizando empleos reuniões de trabalhadores nos locais de trabalho e nos sindicatos para discutirem a situação e estabelecerem os objectivos da sua luta, fazendo exposições em que definem a sua reivindicação fundamental, dirigidas às direcções sindicais ou aos ministros das Corporações, pressionando os parlões e recorrendo progressivamente e outros meios de acção, como o «*fazer cera*» e mesmo a greve, só agindo, portanto, bem unidos e organizados, será possível conseguir um aumento geral de salários, será possível conquistar um salário mínimo vital e em escala móvel.

DEMISSÃO DE SALAZAR!

(continuação da 1.ª pág.)
aspiração nacional — a verdadeira conciliação de família portuguesa SALAZAR — INIMIGO DAS ASPIRAÇÕES PORTUGUEAS

As aspirações das massas portuguesas são bem simples.

Os portugueses desejam profundamente que sejam defendidos no país os sagrados direitos do homem, que se respeitem as leis e não campee a arbitrariedade e a injustiça, que se acabe o actual clima de divisões e ódios.

Os portugueses desejam profundamente que o nível geral da vida seja melhorado para que a miséria e a desgraça saiam da nossos lares ou da nossa vista, e que o progresso económico nacional seja uma realidade vivida por todos e não somente um falso slogan espalhado nos jornais e rádio pelos salaristas.

Os portugueses desejam profundamente um clima de paz em todo o mundo onde não sejam possíveis novas e ainda maiores tragédias e onde as soberanias populares sejam respeitadas.

São estas simples aspirações que unem cada vez mais forte e amplamente os cidadãos portugueses. Não há diferenças políticas ou religiosas capazes de nos dividir ante tais anseios. E porque estes se tornam mais e mais nítidos, são

A REPRESSÃO, ARMA POLÍTICA DE SALAZAR

(continuação da 1.ª pág.)
Casas ou nas estreitas celas do Ajuize, são agora práticas correntes dos fâcinoras da PIDE, superiormente comandados por Salazar e Neves Graça.

Populações inteiras são submetidas às violências e à vigilância permanente da PIDE e da GNR que batem as estradas auxiliadas por cães-polícias. Os passageiros dos transportes públicos são frequentemente revistados e inquietados e a polícia de trânsito, ao serviço da PIDE, detem em massa os ciclistas, os automobilistas e até mesmo os peões que lhes parecem suspeitos.

Na sua demência repressiva Salazar não poupa ninguém, nem os jovens, nem os velhos nem as mulheres. A jovem Adélia Terruta, presa já nos últimos dias do seu estado de gravidez, foi espancada no ventre. Quatro senhores genóios, os professores Vieira de Almeida e Azevedo Gomes, e os drs. Antão Sérgio e Jaime Cortezão, foram presos apenas por terem convidado o dirigente trabalhista britânico Bevan a fazer algumas conferências em Portugal.

Sómente graças à pressão do povo português e aos protestos da opinião pública internacional, Salazar se viu obrigado a abrir as garras e a libertar aqueles quatro velhos democratas.

E no prosseguimento desta cega ofensiva, de que os comunistas são as principais vítimas, que a PIDE acaba de vibrar contra o Partido Comunista Português um sério golpe. Nos primeiros dias de Dezembro, a PIDE assaltou várias casas onde prendeu alguns casos camarários e seus familiares, como: Jaime Serra, Joaquim Gomes, Pedro Soares, Agostinho Saboga, Aida Paula, Maria da Conceição Paula, Maria da Piedade Gomes, Maria Luísa da Costa Dias, Adélia Terruta, Alice Leal, Lucinda Saboga, Joana Mendonça, etc. A

PIDE roubou os seus haveres e praticou, nesses assaltos, diversas violências e brutalidades.

A extensão deste golpe policial deve-se à traição dum miserável frente ao inimigo: José Manuel Marinho, ex-operário da CUF, conchicido no Partido sob o pseudónimo de «Lucas».

A vida daqueles patriotas corre um grande perigo. Alguns têm a saúde rudemente abalada por longos anos de clandestinidade. No acto da sua prisão Joaquim Gomes foi brutalmente agredido ficando muito ferido na cabeça; Pedro Soares está sofrendo sadicas torturas da PIDE e desconhecese o paradeiro de Jaime Serra.

Ao desferir os seus golpes repressivos contra o Partido Comunista, Salazar intenta quebrar o ímpeto da luta popular contra o seu regime, procura desesperadamente sair-se das suas dificuldades internas por meio da repressão e da violência e dessa forma alterar a seu favor a correlação de forças no país que lhe é profundamente desfavorável. Mas a repressão e a violência mais não farão que agudizar a crise em que se debate o regime e a pressar a sua decomposição total. Nenhuma acção terrorista poderá impedir a derrota final de Salazar e dos seus apaguidos.

E de admitir que o governo salazarista procure agora especular com as prisões, jogando com as declarações do traído Marinho, falseando documentos pretensamente apreendidos, manobrando no terreno político para afastar dos comunistas as outras forças democráticas e anti-salaristas.

O Partido Comunista alerta todos os anti-salaristas, nossos companheiros de luta, contra essas previsíveis manobras e provocações e exorta-os à unidade contra o inimigo comum.

Apesar dos prejuízos causados ao Partido Comunista por este novo golpe policial ele trabalhará mais afinadamente para robustecer as suas ligações com as massas populares. Dos reverses passagens o Partido Comunista colherá todas as lições para que novos triunfos correm a sua acção em prol da unidade e da acção de todos os anti-salaristas.

O Partido Comunista apela para que todos os democratas e anti-salaristas intervenham junto do governo no sentido de defender a vida dos patriotas presos. As vidas de Jaime Serra, Joaquim Gomes e Pedro Soares, evadidos das prisões fascistas há cerca de 4 anos, correm particularmente grave risco.

Sabemos que em Dezembro foi entregue no ministério do Interior uma carta assinada por destacadas personalidades portuguesas (entre as quais vários sacerdotes) em que se levanta a necessidade imediata duma amnistia e de se acabar com as violências da PIDE. Se um amplo movimento de protesto, que agrupe todos os portugueses e portuguesas de coração, se alçar contra a repressão salazarista, contra os crimes e brutalidades da PIDE, Salazar terá de recuar na sua fúria repressiva contra o povo.

Que terminem as perseguições e torturas policiais e seja urgentemente promulgada uma amnistia política!

Que seja dissolvida a PIDE e demitido o seu Chefe supremo — Salazar!

TODOS AO RECONHECIMENTO

É neste ano de 1959 que se devem realizar as eleições para as Juntas de Freguesia.

Em virtude disso o reconhecimento dos eleitores das Juntas de Freguesia é muito importante e todos os trabalhadores, todos os democratas, todos os portugueses com direito a voto, devem procurar reconhecer-se.

O mesmo devem fazer também os eleitores do Presidente da República e dos deputados à Assembleia Nacional.

A constituição de Comissões de reconhecimento em todos os locais de trabalho e em todas as frequentes reuniões dos postos de reconhecimento, tudo com o objectivo de ajudar os cidadãos a reconhecerem-se, não pode ter dúvida pois o reconhecimento acaba na dia 2 de Janeiro.

Em frente por uma acção larga e unida ao reconhecimento.

AVANTE DADA A CAMPANHA DOS ANTI-SALARISTAS!

CONTRA O ENCERRAMENTO DAS FÁBRICAS OS CORTICEIROS UNEM-SE E LUTAM

Os operários corticeiros continuam vivendo sob a ameaça dos despedimentos. O despacho, conquistado ao ministro das Corporações pela luta, não impediu que algumas fábricas fechassem já as suas portas.

O governo é o principal responsável desta situação, uma vez que se recusa a tomar as medidas necessárias para debelar a crise em que a indústria se debate. Mas é preciso não fecharmos os olhos à parte de responsabilidade que cabe ao patronato. Por isso, ao mesmo tempo que desenvolvem as suas acções junto do governo e das autoridades, os operários devem intensificar a luta nas empresas, pois é através dessa luta que os operários corticeiros podem levar os industriais a tomar uma posição definitiva contra as causas da crise e a não fechar as fábricas.

Novas lutas

No dia 5 de Dezembro, 65 operários do Barreiro e Alhos Vedros concentraram-se no Sindicato. O presidente, que os operários obrigaram a comparecer, comprometeu-se a convocar uma reunião de dirigentes sindicais e enviar cartas aos patrões pedindo-lhes que não despedissem pessoal.

No dia seguinte deslocou-se a Setúbal uma delegação de operários que falou com o deputado Carqueijo.

No dia 8 reuniram-se cerca de 130 corticeiros, mas esta reunião foi assalada pela GNR, que procurou prender os elementos mais destacados. Porém todos os operários se uniram exclamando: «Ou vemos todos ou não vai nenhum». A GNR prendeu-os a todos mas só manteve a prisão de onze.

Esta acção das forças repressivas, bem como muitas outras intimidações e perseguições feitas pela PIDE e GNR estão provocando grande indignação.

No dia 9 uma comissão de operários e operárias do Barreiro e Alhos Vedros foi à sede do Sindicato no Seixal tratar com o presidente alguns dos seus problemas. Nesta altura 60 operários do Seixal, reunidos no jardim público desta vila, em virtude do presidente não ter consentido que se reunissem no Sindicato, resolveram enviar telegramas aos ministros protestando contra as prisões feitas na véspera.

Uma nova exposição dos operários

Os operários corticeiros resolveram enfrentar elaborar uma nova exposição para entregar ao Ministro das Corporações. Nela, além das reivindicações já assentes, foi incluída também a da libertação dos companheiros presos. Em amplas reuniões, a classe discutiu e aprovou o texto da exposição, que já conta com 1.500 assinaturas. Cerca de 150 comerciantes apoiaram as reivindicações dos corticeiros, assinando a exposição e colocando ali o seu carimbo.

No dia 12, uma delegação composta por 76 corticeiros do Seixal, Barreiro, Alhos Vedros e Montijo foi ao Ministério das Corporações entregar a nova exposição. O Ministro, porém, recusou-se a receber os operários, pelo que a delegação se deslocou à Assembleia Nacional avistando-se com o secretário do Presidente do Conselho. Ali a dele-

gação protestou contra a prisão dos seus companheiros e pediu a sua imediata libertação.

Estas acções foram apoiadas por muitas cartas e telegramas.

Unidade, firmeza e combatividade

A situação é grave para os operários e para as suas famílias. A iminência do desemprego ameaça os seus lares com a miséria e com a fome. E isso só pode ser impedido se toda a classe prosseguir, unida e sem desfalecimentos, a luta pelas suas reivindicações.

Ao aproveitamento de todas as possibilidades legais de luta, que têm sido levado a efeito até agora, devem juntar-se outras acções co-

mo paralizações de trabalho, greves, concentrações maciças junto das autoridades, manifestações de rua, e inclusivamente a tomada das fábricas para impedir o seu encerramento.

A unidade de toda a classe deve compreender a coordenação da luta à escala nacional. Os corticeiros da Margem Sul devem unir os seus esforços com os seus companheiros de Grândola, Sines, Faro, Lagos, Silves, Lisboa, Vila da Feira, etc., assim como apelar para a solidariedade dos outros sectores da classe operária e dos restantes trabalhadores.

Operários corticeiros! Da vossa unidade, firmeza e combatividade depende o êxito da vossa luta, depende o vosso futuro e o futuro dos vossos lares. Avante, pois, contra os despedimentos e pela conquista de todas as vossas reivindicações!

Greve vitoriosa

DOS TRABALHADORES DE ALPIARÇA

No dia 7 de Dezembro, cerca de 70 camponeses que se encontravam na praça de jornas pediram aumento de \$800 diários nos seus salários, isto é, de 20800 para 25800. Como a sua reivindicação não fosse aceite resolveram ir para a greve, participando a todos os seus companheiros de trabalho, operários e operárias agrícolas, que não deveriam trabalhar por menos de 25800. No dia seguinte, 8, a greve foi total (à excepção de 6 mulheres que foram trabalhar).

Neste mesmo dia o presidente da Câmara, procurando quebrar a greve, foi fer com um grupo de camponeses dizendo-lhes que fossem trabalhar que ele promovia tratar do assunto logo que os proprietários chegassem. Mas os trabalhadores responderam-lhe que nada os moveria a trabalhar; por isso, nada de comédias: primeiro aumento tal como pediram depois iam trabalhar.

Facendo esta firmeza os proprietários reuniram neste mesmo dia e resolveram ceder à reivindicação dos operários agrícolas.

Os trabalhadores de Alpiarça mostram com o seu exemplo que a Unidade e a luta firme e decidida são o caminho mais justo para fazer recuar o inimigo e assim conseguir-se melhores condições de vida.

OS ASSALARIADOS AGRÍCOLAS LUTAM CONTRA O DESEMPREGO

O desemprego mais ou menos permanente continua a lançar na miséria os lares dos trabalhadores rurais alentejanos. A única possibilidade de melhoria da situação reside na luta decidida e angustiosa de milhares e milhares de famílias e reforçar os postos da GNR e dar carta branca aos guardas para que prendam e espanquem os trabalhadores sempre que estes se decidem a lutar. Apesar disto os assalariados agrícolas enfrentam a repressão e não cessam de lutar para verem melhorada a sua grande e simples reivindicação — a de terem trabalho.

Em VAL DE VARGO, no dia 20-21, mais de 100 trabalhadores, homens e mulheres, concentraram-se e foram à luta de Freguesia reclamar trabalho. O presidente recebeu-os no edifício e, depois de uma reunião, deu-lhes um andamento aos seus pedidos.

No dia 21, 70 DESEMPREGADOS FORAM À ESTADAD PARA TRABALHAREM, mas o encarregado não os deixou trabalhar, alegando não ter autorização nem permittencia. Os trabalhadores partiram para o Posto da GNR, sempre em marcha. O cabo recebeu-os e embora pretendesse que dispersassem, permitiu que fossem recolhidas assinaturas dos desempregados. MAIS DE 200, que ele próprio mandou no presidente da Câmara de Serpa. Como resultado desta acção os trabalhadores foram empregados passados dias e foi prometido trabalho a todos os outros.

No COUCO, no dia 24 de Novembro, 50 desempregados foram à Casa do Povo exigir trabalho. Como não os atendessem foram ao Posto da GNR e de novo à Casa do Povo. Em resultado desta insistência foi dado trabalho a 20 deles com o salário de 16300.

Este precário resultado não satisfaz os trabalhadores e os agricultores a prosseguir a luta. Assim, nos dias 2 e 9 de Dezembro CERCA DE 200 voltaram a concentrar-se contra os proprietários e a exigir trabalho. No dia 2, cerca de 20 e 50 desempregados que ali foram reclamar o dia de trabalho e mais salários. O resultado foi a acção do emprego de mais 40 com o salário de 20900. Pros-

seguindo na luta os trabalhadores do Couco conseguiram por termo ao desemprego.

Em QUINTOS, 40 trabalhadores foram por 2 vezes à Casa do Povo reclamar trabalho. Devido à sua insis-



TRIBUNA DO LEITOR

A juventude odeia Salazar

Quilozar no seu recente discurso di fer tomou conhecimento de que alguns jovens, por se sentirem amargurados e desiludidos têm abraçado o comunismo e acrescenta dizendo: «Causa do Povo, reclamar trabalho». Devido à sua insis-

Eu, como alguns de vós, presencio dia a dia o desinteresse causado pelos assuntos da «Moçidade». A venda dos jornais desta instituição desceu imenso, a diminuição de alunos com farda assustou-me de tal modo que nos promettem viagens etc. para a adquirirmos. Mesmo aquelas que têm farda procuram esquivar-se de a usar, não sabem porque lhes chamamos «pólisas verdes».

É sabido que uma das armas do fascismo é o desporto. Deste modo a «Moçidade» criou «gremios desportivos» um curso de equitação 50500 todos os meses para o aluguel dos cavalos que pertencem ao clube de Ajuda onde os lições são dadas. O «monstro do comunismo» e «os barbaros russos» lezem-nos hoje, rir, visto as recentes demonstrações dadas pelo partido comunista na revolução da Rússia, da Itália, e que os esportos de Salazar não nos pudermos esconder, tão grande foi a sua vitória. Quando da recente apresentação dos filmes soviéticos disse-me uma colega: «Sabes, eu pensava que os russos eram uns selvagens condados, mas afinal enganaram-se, revelando-nos que os barbaros não nos podem dar espectáculos de tanta beleza».

Os mineiros lutam



Os baixos salários, a intensificação da exploração e a insegurança no trabalho são alguns dos problemas que mais afligem a classe dos mineiros e pela solução dos quais a sua luta se está realizando.

A mina do Louzal, onde se registou há pouco um desabamento que originou a morte do operário Manuel Pedro, é um perigo permanente para os operários que nela trabalham pois todas as galerias ameaçam ruir.

Depois do último desabamento um engenheiro da mina mandou suspender o trabalho devido à insegurança em que este se realizava, mas o director belga deu ordem em contrário e mandou os operários trabalhar. Os mineiros reagiram e uma brigada recusou-se a entrar numa galeria enquanto não fossem tomadas as medidas que lhe permitissem trabalhar com segurança. A firmeza destes mineiros forçou a gerência a tomar providências.

Na Mina de S. Domingos têm sido feitas várias concentrações no sindicato, agrupando uma delas mais de 100 trabalhadores. Uma comissão eleita por estes mineiros entregou uma exposição directamente à gerência da Mina já que a direcção do Sindicato se recusou a fazê-lo, o que mostra não saber cumprir os deveres de que está investida.

Também os mineiros de Aljustrel continuam a lutar para que a empresa lhes pague o dinheiro que lhes deve. Reclamaram agora que até ao dia de Sta. Bárbara (dia do mineiro) lhes sejam pagos pelo menos 200300 ou 300500.

tência, erraram trabalho para todos. Estes exemplos de unidade e de luta devem seguir-se aos assalariados agrícolas de todo o Alentejo fustigados pela seca, pelo frio, pelo frio de Vargo, do Couco e de Quintos.

Quando ao ensino não é bom julgar nisso. Há falta de material, sobretudo nas aulas práticas de física e química, os programas excessivamente grandes e desactualizados, os professores não sabem julgar (há tantos progressos nos últimos anos eles continuam na mesma. Além de tudo isto, professores incapazes, ou de má índole, ou que não sabem ensinar, continuam a dirigir o ensino só porque o Estado Novo recebe as ideias progressistas do professorado recente formado). Bem como algumas professoras que seguem uma linha justa e verdadeira, que se interessam pelos alunos, mas essas estão com que meios para dar um curso de física ou correm o risco de ser expulsa. Deste modo apresentamos aos professores que negam a teoria da evolução humana segundo afirmados por Darwin, bem como Darwin, e condenam e criticam escritores como Victor Hugo, Eça de Queiroz (excepto o seu livro «A Cidade e as Serras»), Zola, etc.

A juventude conhece toda a podridão do regime governante e confronta-o com o desenvolvimento dos países socialistas em que as apóides dos jovens são devidas e aprovadas para que possam ajudar à construção do NOVO MUNDO.

Nós, os jovens, sabemos como são perseguidos aqueles que lutam pela justiça e pela liberdade. Queremos respirar esse ar puro, queremos ser senhores dos nossos destinos, queremos que haja paz sobre a terra, que em cada lar haja harmonia e para que ela haja é preciso paz. Por isso unimos a proletariado nesta luta contra os traidores encaçados por Salazar.

Uma estudante

AS ELEIÇÕES EM FRANÇA

Ao tornarem-se conhecidos os resultados das eleições francesas de Novembro, que registaram uma grande diminuição da representação parlamentar comunista e dos outros partidos de esquerda, o espírito de numerosas pessoas foi assaltado por esta interrogação: como foi isto possível?

Eis alguns factos que ajudam a responder a esta pergunta:

A corrupção parlamentar levou largos sectores do povo francês a perderem a confiança no Parlamento. Nele não eram atendidos os anseios populares nem solucionados os imensos problemas que afectam a nação francesa. As justas questões levantadas pelos deputados comunistas eram afogadas por uma maioria apenas interessada nas combinações governamentais e na defesa dos interesses capitalistas que representava.

Desta perda de confiança no Parlamento, das divergências existentes na opinião pública francesa quanto à solução a dar ao problema da Argélia e do desejo que essa solução seja rápida, aproveitou-se a burguesia monopolista para, por intermédio dos políticos e militares ultra-reaccionários e fascistas, lançar uma grande ofensiva em que aliou a violência, a confusão e a demagogia.

Pelo golpe de 13 de Maio na Argélia e pelo que se seguiu na Córsega levou o governo legal e o Parlamento, com excepção dos comunistas e alguns políticos da esquerda, à abdicação e impôs a subida de De Gaulle ao poder. Porém, De Gaulle procurou não aparecer como envolvido nas manobras dos fascistas mas, demagogicamente, como o homem capaz de lhes fazer frente, capaz de evitar a guerra civil e promover a paz na Argélia.

Enquanto De Gaulle se apresentava sob esta demagogia capa, os seus partidários intensificavam a violência em assaltos tipicamente fascistas aos sindicatos e a outras

organizações sociais e democráticas, com o objectivo claro de intimidar as massas e impedir a sua unidade.

A ultra-reacção francesa jogou mão, por fim, dum outro trunfo — uma lei eleitoral infima. Ao Partido Comunista que continuava a ser o primeiro partido da França com um apoio eleitoral de cerca de 4 milhões de eleitores são atribuídos apenas 10 lugares no Parlamento, ao mesmo tempo que os 2 maiores partidos da direita com um apoio eleitoral inferior dispõem de 180 e 150 lugares. Daqui resulta que enquanto um deputado comunista representa 388.200 franceses, um deputado da U.N.R. (o partido da extrema direita) representa apenas 19.109 eleitores.

Tudo isto foi possível pela traição dos dirigentes socialistas de direita. Rejeitando as propostas de unidade de acção feitas pelo Partido Comunista impediram a unidade da classe operária que teria permitido desbaratar, logo de início, a ofensiva fascista. Apoiando a subida de De Gaulle ao poder, fazendo a propaganda da constituição reaccionária e participando na elaboração da lei eleitoral, contribuíram para que a confusão aumentasse e facilitaram o terreno à demagogia degaullista.

Também os outros políticos de esquerda que, opondo-se a De Gaulle, não foram suficientemente corajosos para se unirem com todas as outras forças populares, facilitaram a tarefa dos degaullistas e contribuíram para a sua própria derrota.

A preponderância da direita ultra-reaccionária no novo Parlamento aumenta o perigo do fascismo em França. E esta a razão porque o novo regime foi tão calorosamente saudado pelos ditadores fascistas Salazar e Franco.

As recentes manobras da ultra-reacção francesa visam, como diz o camarada Jaques Duclos, «pre-

parar a liquidação das liberdades políticas e a militarização de toda a vida da população com o fim de impedir os trabalhadores e as massas populares de se unirem na acção para impor a satisfação das suas reivindicações e exigir que cesse a guerra ruinosa e sangrenta da Argélia».

Estes objectivos tem De Gaulle procurado esconder-lhos sob a capa da demagogia. Porém, o rodar dos meses vai forçando-o a mostrar a sua verdadeira cara.

As recentes disposições do governo de De Gaulle no campo financeiro e no da defesa põem em relevo a sua política anti-operária e belicista. Das primeiras resultou uma subida geral do custo da vida, mas o governo degaullista proíbe que os salários sejam aumentados de acordo com esta subida. Com as segundas intensifica a preparação da França para a guerra e a militarização da vida dos cidadãos franceses. Por acção do governo de De Gaulle a França está a ser transformada num perigoso foco de tensão internacional.

A par destas disposições também a guerra colonialista da Argélia é intensificada e o governo ultra-reaccionário de De Gaulle choca novos atentados contra as organizações sociais e democráticas.

O progressivo desmascaramento da política degaullista, aliado à correlação das forças no plano internacional cada vez mais favorável à paz, à democracia e ao socialismo, alargaram a frente anti-degaullista que a heróica classe operária da França e o seu Partido, o Partido Comunista francês, saberão guiar até à completa derrota da ultra-reacção.

Pequenas notícias

No dia 27 de Outubro realizou-se, no Porto, uma conferência na sede da Acção Católica feita pelo Dr. Sédas Nunes. No fim da sessão o Bispo tomou a palavra e fez a seguinte declaração: que lhe foram feitas, e terminou dizendo: «Unamo-nos todos para construir um mundo melhor e de justiça social». Esta afirmação provocou vivos e aplausos do auditório, que saiu para a rua gritando: «Viva o Sr. Bispo!», «Viva a República!»

O livro do fascista Manuel Anselmo atacando o Bispo do Porto causou indignação entre os católicos honestos. A sociedade que afirmou dois elementos do clero a dar testemunho dessa indignação. O padre Manuel Gonçalves Diogo, pároco da Vila Verde, endereçou aos seus colegas uma circular em que os convivia a apoiar o Bispo do Porto e a devolver o livro ao seu autor. Muitos sacerdotes já o devolveram.

No recente Congresso das Misericórdias, o médico Dr. Militer Guerra apresentou uma tese que foi muito ovacionada e provocou uma grande corrente de cartas de apoio. Nesta tese ele fez uma crítica desatenciosa à péssima situação da defesa da saúde em Portugal.

Quando da discussão dessa tese, o ministério das Corporações enviou vários advogados para contestar para combater os pontos de vista apresentados. Essa discussão provocou ainda um maior desmascaramento da política salazarista no que respecta à saúde. O Dr. Militer Guerra, entre outras coisas, afirmou que de 1945 para cá o que se vê no nosso país é que os doentes são cada vez mais maltratados e que a assistência é cada vez pior. O deputado Dr. Santos Bassa, que presidia, interveio apresentando alguns números sobre a mortalidade das gravídes e infantis, o comparando tais números com os de outros países, concluindo dizendo que em nenhum país se passa o que existe em Portugal.

No final da discussão foi apresentado o voto de fé, o mais vigoroso, todas as actividades médicas que estão no ministério das Corporações passaram para o ministério da saúde. Um delegado do partido corporacionista gritou então, bastante exaltado: «Lá peca a este Congresso que seja bem que tipo de proposta é essa. Isso é um golpe no sistema corporacionista». Após o discurso o voto foi aclamado pela assembleia de pé.

PERSEGUIÇÃO À CULTURA

Apoiado a alguns órgãos de imprensa surgiu a ideia de um movimento de telebolsismo no nosso País, que por corresponder a uma necessidade de agrandar o leito-espectador e o mobilizar na discussão dos específicos de televisão cuja qualidade interessa tem merecido um unânime protesto, rapidamente começou a criar raízes.

O governo de Salazar, atento a todas as manifestações de cultura para estar pronto a estrangulá-las, começou por ordenar a imprensa que não publicasse mais qualquer notícia sobre tele-clubes e não está disposto a permitir a sua criação.

Os tele-clubes, importantes organizações nos países onde há televisão e que merecem da UNESCO um carinho especial, estão assim proibidos por Salazar que odeia e esmaga tudo o que represente expansão de cultura.

Outro exemplo semelhante, demonstrativo de cada vez mais acentuada perseguição à cultura, consiste na determinação da censura de não publicar artigos de imprensa e inserção de quaisquer artigos sobre cine-clubes.

OS VIDEIROS DA GRISAL

CONQUISTARAM AUMENTO DE SALÁRIOS

Os operários videiros da fábrica Grisal (Alcobaca) conquistaram pela sua luta um aumento de salários de 2 a 7500 por os homens e de 1500 a 2500 para as mulheres. O aumento começou a ser pago na 1.ª semana de Novembro. Os salários dos empregados do escritório foram aumentados entre 150\$000 a 600\$000.

de todo o povo chinês.

O Plano examinou também a situação internacional e assinalou que os acontecimentos internacionais ocorridos nos últimos tempos constituem uma prova cada vez mais convincente de que as forças da Paz são superiores às forças da guerra, colocando os incendiários de guerra em situação de isolamento. O campo imperialista está a caminho de se desfazer em mil pedaços. Este processo poderá ainda durar algum tempo, mas nada poderá evitá-lo. Os traços gerais característicos da situação internacional, como disse o camarada Mao Tsé Tung no Plano, consistem em que os inimigos se decompõem cada vez mais enquanto nós nos sentimos cada vez melhor.

O Plano assinalou com satisfação que durante oito anos se fortaleceram mais ainda o campo socialista, encabeçado pela União Soviética, e se robusteceu mais a sua coesão. Todas as provocações, as calúnias e actos de sabotagem dos imperialistas reaccionários e dos revisionistas estão condenados ao fracasso.

O Plano expressou o seu espanto e admiração pelo plano de fomento da economia nacional da URSS para o período de 1959-1965, apresentado pelo Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, considerando o citado plano como o programa da construção do comunismo com um notável significado histórico. Nele se reflectem as nobres aspirações e o futuro maravilhoso da humanidade progressista. O cumprimento deste plano transformará grandemente a correlação de forças existente no mundo, contribuindo em grau considerável para a paz, e para a luta da humanidade para barrar o caminho à guerra.

(Rádio Moscovo — 13-12-58)

O PLENO DO C.C. DO P. COMUNISTA DA CHINA

(continuação da 1.ª pág.)

Verificou-se também um notável progresso noutros importantes tipos de produção industrial e agrícola. A colheita de cereais, por exemplo, atingiu na China 375 milhões de toneladas, ou seja mais do dobro do nível do ano passado. Calcula-se que a produção global da indústria e da agricultura seja, ao finalizar este ano, 70% superior à de 1957.

Destacou-se no Plano que o considerável salto dado este ano em todos os sectores da produção industrial e agrícola, assim como o progresso alcançado na ciência, na cultura e na instrução, constituem uma grande vitória da política geral de construção do socialismo na República Popular da China.

«Os êxitos na construção económica do país — afirma-se nas Resoluções do Plano — são inseparáveis da ajuda prestada pela União Soviética e pelos outros países irmãos. O avanço alcançado este ano pela República Popular da China permitiu ao Plano do Comité Central do Partido Comunista da China traçar o caminho para o rápido progresso da economia e da cultura e da paz».

O Plano prevê nas suas Resoluções que em 1959 se fundirão na China mais de 18 milhões de toneladas de aço, se extrairão cerca de 300 milhões de toneladas de carvão e se recolherão aproximadamente 525 milhões de toneladas de cereais.

O Plano concordou em aceitar a proposta do camarada Mao Tsé Tung de não apresentar a sua candidatura à presidência da República Popular da China para o próximo mandato presidencial. Na resolução a este respeito diz-se que, ao ser liberado das suas funções presidenciais, o camarada Mao Tsé Tung poderá dedicar-se inteiramente ao seu trabalho de presidente do Comité Central do Partido, e isso lhe dará grande possibilidade para concentrar as suas energias ao estudo dos problemas que afectam a linha política do Partido e dos quadros. Isso lhe permitirá também dedicar mais tempo aos seus trabalhos no capítulo da teoria marxista-leninista, o que não será impedimento para que continue exercendo uma actividade dirigente nos assuntos do Estado. Tudo isto resultará em benefício do Partido e